

PIONEIROS



Elza Kunze Bastos

Uma vida dedicada à arquitetura

Arquivo pessoal



ELZA (D) FOI AO PRIMEIRO BAILE OFICIAL DE CARNAVAL DA CIDADE NO TEATRO NACIONAL, FANTASIADA DE BAIANA

STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Pouca idade, mas muita disposição. Foi com esse entusiasmo que a estudante Elza Kunze Bastos chegou a Brasília no ano de 1957. “Eu vim satisfeita, mas sem muita escolha porque quando jovem a gente não pode questionar muito os pais”, explica a pioneira que tinha apenas 16 anos de idade.

Os pais de Elza vieram do Rio de Janeiro em busca de trabalho. Como na cidade ainda não havia ginásio, o jeito foi deixar a filha em Goiânia. Aliás, a cidade naquela época era praticamente um deserto. Só para se ter uma idéia, a residência dos Kunze Bastos foi a quarta a ser construída no Núcleo Bandeirante. “Era uma casa simples, de madeira, mas muito confortável”. Na frente funcionava a farmácia Noturna — assim denominada por funcionar dia e noite — e nos fundos ficava a residência. “Como havia muitos acidentes de trabalho, a farmácia não fechava”, lembra a jovem. Segundo ela, morria muita gente devido às quedas de cima dos andaimes, tratores e caminhões.

Apesar de estudar em Goiânia, era aqui que a jovem gostava de passar os finais de semana e as férias. Ela fazia questão de com-

parecer às reuniões e festinhas da cidade. “Uma vez minha mãe me avisou que teria uma festa lá no Clube dos Engenheiros e que eu tinha que participar. Era um concurso de beleza, onde seria eleita a Rainha da Primavera”. Eram umas dez candidatas. Algumas moravam aqui, outras estudavam fora. O resultado não poderia ser melhor para a pioneira.

A elegância e os traços germânicos de Elza a fizeram Rainha da Primavera. “Aqui tinha pouca di-

versão, mas as pessoas sempre arrumavam um jeito de fazer uma festa”, conta. Uma das diversões da estudante era ir ao cinema no Núcleo Bandeirante, que ficava no final da avenida principal. O piquenique também era outro programa da época. O local preferido era nas proximidades do lago, onde aproveitavam para dar uma espiada nas obras da barragem.

A preocupação dos Kunze Bastos ia além da saúde dos candan-

gos. A mãe de Elza, junto com outras colegas, foi responsável pela implantação do colégio La Salle em Brasília por volta de 1959. Só então a filha pôde se mudar definitivamente para a capital e continuar seus estudos. As viagens para Brasília eram inesquecíveis. E com razão. A mato-grossense dava voltas para desembarcar aqui. “Nessa época a rodovia Brasília-Goiânia ainda não existia e por isso tínhamos que passar por Corumbá e levávamos um bom tempo para chegar”, lembra.

Sempre ativa, e com talento nato para o desenho, aos 18 anos Elza iniciou seus trabalhos como desenhista no antigo Departamento de Água e Esgoto de Brasília — atual Caesb — quando a cidade estava prestes a ser inaugurada. Era ela quem fazia o cadastramento das redes de água potável e esgoto da nova capital. Como no DAE não existia o quadro de arquitetura, a estudante teve de ser registrada como engenheira.

O baile de inauguração

“A grande festa de inauguração de Brasília foi a coisa mais linda que já vi em toda a minha vida. Foi no Palácio do Planalto. A orquestra era maravilhosa e autoridades do país inteiro estavam lá”, garante a pioneira. “Me lembro que quando a gente parou o

carro de frente ao Palácio eu desci e não acreditei quando olhei para os meus pés completamente sujos de poeira. Mas não tinha jeito”, conta conformada. Segundo Elza, antes de entrar no salão, todo mundo dava uma batidinha no tapete para sacudir a poeira. Aquele inesquecível 21 de abril de 1960 ficou na memória e no armário da pioneira que faz questão de guardar a sete chaves o vestido de organza branco e a echarpe que usou no baile. “Naquela época as mulheres eram bem mais femininas”, observa. Para dar conta de tantas belezas, foram contratados do Rio e São Paulo vários cabeleireiros e maquiadores que trabalharam durante todo o dia no Hotel Nacional.

A inauguração dos ministérios também, segundo ela, jamais será esquecida. “Nós passamos pela Esplanada toda coberta de faixas para serem descerçadas e a alegria era contagiante”, diz. O primeiro baile de carnaval da cidade ela lembra como se fosse hoje. “Foi no Teatro Nacional, quando ainda não existiam as cadeiras pouco tempo depois da inauguração de Brasília”. Fantasiada de baiana ela conheceu de perto o carnavalesco Clóvis Bornay.

Como aqui não existiam lojas de roupas, a irmã de Elza resolveu

PIONEIROS

Em 1957, quando ela tinha 16 anos, os pais vieram para Brasília, onde passava os fins de semana e as férias. Em 1959, mudou-se definitivamente para a nova capital

ELZA NÃO SE ARREPENDE, EM NENHUM MOMENTO, DE TER SE DEDICADO A PROFISSÃO NA CIDADE DA ARQUITETURA



abrir uma boutique, muito conhecida naquele tempo, a Ma Griffe. A decoração era toda em verde e branco. As roupas vinham do Rio de Janeiro e São Paulo. “Ela funcionava no Núcleo Bandeirante, mas depois tivemos que mudá-la para a 107 Sul, na rua da Igrejinha. O estilista — Carven — mandou uma carta em francês dizendo que tomou conhecimento de que existia uma loja em Brasília e reclamando os direitos autorais. Mas naquela época a gente desconhecia essa história de direitos autorais”. A loja acabou sendo fechada mais tarde, não por causa do estilista, mas porque o marido da irmã de Elza não queria que ela trabalhasse.

Um ano após a inauguração da cidade um grande incêndio na residência dos Kunzen Bastos, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), abalou toda a família, que teve de se mudar para a W3 Sul onde estavam sendo construídas as primeiras casas particulares de Brasília.

O Ingresso na faculdade

A rapidez das obras e o desejo de conhecer os aspectos técnicos da cidade que crescia à sua volta, levaram Elza a cursar arquitetura na Universidade de Brasília em 1962. Diga-se de passagem, o primeiro vestibular da UnB. A estudante obteve os primeiros lugares no exame. Bastante disciplinada — ela estudou no colégio de freiras, Santa Clara, em Goiânia durante três anos — a arquiteta tirou nota máxima em latim. “A cidade crescia muito rápido e a universidade ainda estava começando. Algumas aulas aconteciam ao ar livre porque havia

poucas salas”. Segundo Elza, o curso tinha pouco mais de dez mulheres, duas chegaram ao final e apenas ela conseguiu emprego em seguida.

A revolução de 1964 chegou até o campus da universidade. Os policiais invadiram as salas de aula e a estudante e seus colegas foram obrigados a permanecer mais de duas horas na quadra de vôlei. “Eles pediram os documentos de cada um e perguntavam de onde vieram, se tinha algum comunista, mas depois viram que não tinha nada e foram embora”. A cena triste dos estudantes na quadra de esportes, da qual participava a pioneira, mereceu destaque no longa-

metragem *Barra 68*, de Vladimir Carvalho.

Com o diploma de arquiteta na mão, a cidadã honorária de Brasília abriu seu escritório no Edifício Rádio Center, na W3 Norte. De lá saíram grandes projetos como o do edifício sede da Codevasf, na 601 Norte. Aprovada no concurso para o antigo Ministério do Interior, Elza foi colocada à disposição da Codevasf, onde trabalhou mais de 20 anos como supervisora de Urbanismo, Habitação e Saneamento. Com tanto trabalho quase não sobrava tempo para o namoro. “Eu ficava 15 dias em Brasília e outros 15 fora, no Vale do São Francisco. Foi bom que eu fiquei conhecendo praticamente

todo o Nordeste”, conta a pioneira, que teve de desistir de seu relacionamento por falta de tempo.

Hoje, a arquiteta não se arrepende por ter dedicado por inteiro à profissão. Com dezenas de projetos arquitetônicos espalhados pela capital e cidades satélites, Elza ainda arruma tempo para dedicar às obras assistenciais e às causas ambientais. Ela é sócia-fundadora do Movimento Ecológico do Lago (MEL). “Acredito que não devemos apenas construir, mas principalmente preservar o que construímos”. Além da preocupação com as áreas verdes, o movimento busca uma conscientização da sociedade contra a poluição visual.

“ME LEMBRO QUE QUANDO A GENTE PAROU O CARRO DE FRENTE AO PALÁCIO EU DESCI E NÃO ACREDITEI QUANDO OLHEI PARA OS MEUS PÉS COMPLETAMENTE SUJOS DE POEIRA. MAS NÃO TINHA JEITO”

Raio X

Nome: Elza Kunze Bastos
Idade: 64 anos
Origem: Poxoréu, Mato Grosso
Ano de chegada a Brasília: 1957 (ela estudava em Goiânia) e mudou definitivamente em 1959
Profissão: Arquiteta
Estado civil: Solteira
Algumas homenagens: Mulher Arquiteta no Congresso Pan-Americano de Arquitetos (1998); Cidadã Honorária de Brasília (2002); Diploma de Honra ao Mérito por trabalhos à comunidade (2003)

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo **Edição** Rozane Oliveira **Reportagem** Bianca Chiaviccatti, Stela Maris Zica e Vinicius Nader **Fotos** Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do **Correio Braziliense** **Revisão** João Neto **Diagramação** Glauco Gonçalves **Projeto Gráfico** Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

